O TEXTO LITERÁRIO COMO ESTRATÉGIA DE DESENVOLVIMENTO E RESISTÊNCIA NA FORMAÇÃO DOCENTE

Mário Henrique, DOLCI; Marcia Cristina ARGENTI.

Eixo temático 07. Educação, desenvolvimento e aprendizagem.

E-mails: mario.dolci@unesp.br / marcia.argenti@unesp.br

Resumo

O presente relato apresenta uma experiência desenvolvida, em março de 2026, no contexto das aulas de Alfabetização do curso de Pedagogia de uma universidade pública paulista, realizada com estudantes do último ano da graduação, visando à formação docente desses alunos. A atividade teve como objetivo promover reflexões, mediadas pelo texto literário, acerca das relações entre educação, desenvolvimento e aprendizagem, considerando as potencialidades formativas de práticas pautadas na transformação social, na criticidade e na resistência. Subjacente ao objetivo principal, outro se desenhou durante a aula: refletir as práticas pedagógicas usadas pelos educadores em uma contação de história, quando esses estudantes estiverem no exercício docente, a fim de desenvolver o imaginário e a ludicidade nas crianças de modo mais sistematizado. É relevante enfatizar que o uso intencional do texto literário constitui uma forma de resistência ao ideário do assistencialismo, que concebe a Educação Infantil muito mais direcionada aos cuidados de vida diária em detrimento do ato de educar. O desenvolvimento da aula contemplou a apresentação de slides e a leitura do texto de Antônio Candido, O direito à literatura, como formas de propiciar reflexão e discussão acerca da literatura como potencializadora dos processos formativos. Os resultados desse relato de experiência corroboraram a necessidade de desenvolver práticas leitoras cada vez mais significativas e lúdicas para os alunos público-alvo da Educação Infantil a partir de uma formação docente sólida. As implicações desse relato de experiência para a prática pedagógica confirmam a premência em atrelar educação, desenvolvimento e aprendizagem como processos indissociáveis no âmbito educacional, sobretudo na Educação Infantil.

Palavras-chave: Literatura infantil. Práticas pedagógicas. Práticas de transformação e resistência.

1. Introdução

A leitura literária constitui dimensão fundamental nos processos de formação humana, uma vez que possibilita a ampliação das experiências culturais, estéticas e imaginativas dos sujeitos. Nessa perspectiva, a literatura ultrapassa a condição de mero recurso pedagógico, configurando-se como direito formativo e elemento constitutivo da subjetividade, da sensibilidade e da construção de sentidos acerca do mundo. Partindo desse entendimento, o presente relato apresenta uma experiência que visa à formação docente, em março de 2026, no contexto das aulas de Alfabetização do curso de Pedagogia de uma universidade pública paulista, junto a estudantes do último ano da graduação.

A proposta da atividade teve como objetivo promover reflexões, mediadas pelo texto literário, acerca das relações entre educação, desenvolvimento e aprendizagem, considerando as potencialidades formativas de práticas pedagógicas comprometidas com a transformação social, a criticidade e a resistência. No decorrer da aula, emergiu ainda outro eixo de reflexão: a necessidade de problematizar as práticas pedagógicas utilizadas pelos educadores em atividades de contação de histórias, especialmente no que se refere ao desenvolvimento do imaginário, da ludicidade e da experiência estética de forma intencional e sistematizada.

2. Fundamentação Teórica

O relato de experiência desenvolvido ao longo da aula fundamentou-se, inicialmente, na problematização das especificidades do texto literário em relação ao texto não literário, compreendendo que essa distinção constitui elemento central para a formação leitora e para a construção de práticas pedagógicas mais intencionais no trabalho com a literatura. Nesse sentido, buscou-se refletir acerca das particularidades estéticas, simbólicas e formativas que caracterizam o texto literário, especialmente no que se refere à sua capacidade de mobilizar a imaginação, a sensibilidade e a produção de sentidos pelos sujeitos. Diante disso, torna-se pertinente indagar: quais elementos diferenciam o texto literário do texto não literário? De acordo com Silva (2019, p. 87):

> [...] o texto não-literário possui uma série de funções referenciais, voltadas em geral para o pragmatismo cotidiano, o texto literário faz ressaltar a função estética da linguagem, privilegiando o discurso artístico e tornando a literatura – particularmente a Literatura Infanto-Juvenil – um universo pleno de manifestações criativas.

Acerca das características intrínsecas do texto literário, é relevante se ater às provocações causadas na criança ao ter contato com a literatura. Desde a tenra idade, o literário potencializa a fantasia ao trabalhar a experiência estética. Ademais, ao entrar em

contato com o universo literário, a criança desenvolve o espírito crítico ao se deparar com as mazelas que assolam a sociedade, como a fome, o abandono e luta pela sobrevivência.

A imaginação toma dimensões agigantadas, uma vez que a criança tem a possibilidade de formar sua identidade social ao se colocar no lugar da personagem, identificando as características das quais gostaria de vivenciar no plano real. Nessa perspectiva, a criança aperfeiçoa o seu processo de sociabilidade e estabelece categorias de valor ligadas à ética.

Outra contribuição significativa do texto literário refere-se à ampliação do vocabulário e ao enriquecimento das competências linguísticas das crianças. Por meio do contato com diferentes gêneros, narrativas, personagens e construções discursivas, os sujeitos têm a possibilidade de apropriar-se de novas palavras, expressões e estruturas sintáticas, ampliando suas formas de comunicação e interpretação do mundo. Além disso, a experiência com a literatura favorece o desenvolvimento da escrita, da oralidade e da narratividade, uma vez que estimula a imaginação, a organização do pensamento e a capacidade de construir sentidos, elementos fundamentais para a formação leitora e para o desenvolvimento integral da linguagem.

O relato de experiência buscou compreender a concepção de literatura. Depreendeu-se que a literatura, em seu sentido lato, refere-se a todo e qualquer discurso em que se manifeste, tacitamente ou não, uma intenção estética. E por intenção estética entende-se a manifestação de uma atitude que transforma o próprio ato humano em arte. Esse processo, adiante-se, não pode prescindir de um equilíbrio entre o papel desempenhado pelo autor da obra literária, seus possíveis leitores e a crítica especializada. (Silva, 2015, p.310).

Parreiras (2012) aponta que a Literatura, quando usada apenas para fins didáticos e pedagógicos, pode não causar o mesmo encanto nas crianças, uma vez que foi instrumentalizada para passar algum tipo de valor moralizante. O texto precisa ser encantador e trabalhar com a fantasia. Em relação ao “livro para bebês, não deve haver muitas explicações, mas coisas sugeridas, brincadeiras, surpresas, uso de um texto enxuto, desprovido de excessos de adjetivos e de advérbios” (Parreiras, 2012, p. 111).

Durante às práticas pedagógicas em sala de aula, discutiu-se a riqueza, do ponto de vista da criatividade, da criação de desfechos diferentes para uma mesma história. Essa prática de escrita trabalha com as possibilidades de finalizar a narrativa de distintas formas. Pode-se optar por um fim mais convencional, cujo vilão é punido e as protagonistas seguem um destino feliz. Ou é possível um fim que cause surpresa ou estranheza ao leitor.

> Chapeuzinho Vermelho em Perrault (que termina com o lobo devorando a menina e a avó) e nos Grimm (em que o caçador chega e abre a barriga

> do lobo, deixando que as duas saiam vivas e felizes, enquanto o lobo morria com a barriga cheia de pedras que o caçador ali colocou). (Coelho, 1982, p. 151).

O relato de experiência, durante a aula, fez uma retrospectiva na história da literatura infantil, no contexto brasileiro, para compreender o processo histórico de sua formação. Com a acelerada urbanização, que ocorreu no final do século XIX e começo do século XX, um momento interessante e apropriado para a Literatura infantil surgia. Consumidores de produtos industrializados começaram a fazer parte dos diferentes públicos e das diferentes publicações.

Nesse período de mudança de sociedade, as pessoas começaram a fazer maiores reivindicações de seus direitos enquanto cidadãos. “O aparecimento dos primeiros livros para crianças incorpora-se nesse processo, porque atende às solicitações indiretamente formuladas pelo grupo social emergente” (Zilberman, 2005, p. 15).

De acordo com os aspectos mencionados, a Literatura infantil está intrinsecamente ligada às modificações nas estruturas econômicas, históricas e sociais dos diversos povos. As diversas narrativas e as modificações que elas sofreram - com o decorrer dos séculos - fazem parte das relações que foram estabelecidas nos diversos grupos e que formaram um público voltado a esse tipo de Literatura.

O conceito de Literatura Infantil constituiu-se historicamente de maneira dinâmica, assumindo diferentes significados conforme os contextos sociais, culturais, pedagógicos e temporais em que foi produzido. As transformações ocorridas ao longo do tempo evidenciam não apenas mudanças nas concepções de infância, mas também nas finalidades atribuídas à leitura e à formação da criança. Nesse percurso, o surgimento do livro especialmente destinado ao público infantil representou um marco significativo, pois contribuiu para o reconhecimento da criança como sujeito de direitos, sensibilidades e experiências próprias. Sua difusão e aceitação social tornaram-se fundamentais para a consolidação do imaginário infantil, ampliando possibilidades de fantasia, criatividade, formação estética e construção simbólica do mundo.

A Literatura infantil, desde seu início, retratava histórias recolhidas da tradição oral dos antepassados, que revelavam ambientes rurais, alusão a animais, fome e mortes, presença da magia e do fantástico, poderes sobrenaturais, fadas, bruxas, maldades, egoísmo etc. “Não por outra razão a história da literatura infantil brasileira recorreu à temática, figuras e processos do conto de fadas desde seus começos” (Zilberman, 2005, p. 92).

A respeito da importância do texto literário, Antônio Candido explicita a relação imanente entre direitos humanos e literatura. Na medida em que se avança na conquista dos direitos humanos, ocorre uma mudança de paradigma social: não se normaliza a

pobreza e os estereótipos caricatos da pessoa preta e do morador de comunidade. Antes, caracterizados pelo exagero. Agora, têm sido tratados de modo mais respeitoso e polido. Essa conquista é fruto dos direitos humanos. Antônio Candido coloca a literatura como um fator de humanização. Nesse sentido, o escritor tece algumas considerações:

> distinção entre "bens compressíveis" e "bens incompressíveis", que está ligada a meu ver com o problema dos direitos humanos, pois a maneira de conceber a estes depende daquilo que classificamos como bens incompressíveis, isto é, os que não podem ser negados a ninguém (Candido, p.173, 2011).

> Ora, se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito (Candido, p.175, 2011).

O relato de experiência buscou identificar as características que o texto literário oferece ao leitor para que a literatura seja, ao mesmo tempo, uma estratégia de desenvolvimento para a criatividade das crianças e um ato de humanização e resistência ao conformismo com as mazelas sociais que assolam as pessoas, sobretudo aquelas que advêm de camadas mais desprestigiadas e não acessam os bens culturais (literatura, por exemplo) do mesmo modo das camadas mais abastadas.

> Entendo aqui por humanização (já gue tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que consideramos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (Candido, p.180, 2011).

3. Discussão e resultados

A atividade proposta possibilitou a construção de um espaço dialógico de reflexão sobre a literatura, articulando experiências pessoais de leitura e discussões teóricas acerca de sua relevância para a formação humana. Nesse contexto, as interações realizadas durante as práticas favoreceram tanto a valorização das trajetórias leitoras dos estudantes quanto a problematização do papel da literatura na constituição da subjetividade, da sensibilidade e da compreensão crítica da realidade. A partir dessas mediações, o debate desenvolveu-se em duas perspectivas complementares.

A primeira foi a experiência literária de cada aluno. Contaram qual livro ou conto foi marcante em sua formação leitora. Relataram experiências literárias permeadas de afetividade e nostalgia. Foi um momento muito rico para compartilhar vivências de leituras. Nesse momento, o aluno 1 relatou um pouco de sua vivência literária:

> Acho importante contar histórias de diferentes épocas, desde as clássicas até as contemporâneas. Contudo, penso que as narrativas clássicas guardam uma beleza e um encantamento que fascinam as crianças de forma especial. Tenho memórias afetivas da minha avó que contava Cinderela, Chapeuzinho Vermelho, João e Maria e tantas outras histórias que influenciaram a minha formação leitora. Desejo que esse legado seja ofertado aos meus alunos também.

Outra contribuição sobre experiência literária - atrelada a outras temáticas relevantes na sociedade - foi feita pela aluna 2:

> Considero importante falar de literatura cruzando o tema do meio ambiente. Falar sobre a importância do cuidado com as matas, com os rios e com os animais que usufruem desse hábitat traz um pensamento que as crianças começam a fortalecer desde cedo. Gosto de histórias que trazem a natureza em foco. Como comecei a fazer Biologia, essa união (literatura e natureza) me encanta e me instiga.

A segunda perspectiva, foi quando a discussão se enveredou pelos caminhos do texto de Antônio Candido – O direito à literatura. Foram provocadas reflexões a partir das ideias defendidas pelo autor. O que mais se destacou foi a literatura colocada como necessária ao processo de humanização do ser humano, uma vez que trabalha com a construção do subjetivo e o afinamento das emoções.

Os resultados obtidos nesse relato de experiência evidenciaram a ampla socialização e divulgação de obras literárias compartilhadas pelos alunos e pelo professor, a partir das leituras realizadas ao longo de suas trajetórias formativas e pessoais. As discussões possibilitaram a circulação de diferentes repertórios literários, marcados por experiências singulares de leitura, afetividade e memória, contribuindo para a valorização da literatura como prática cultural e formativa. Além disso, o compartilhamento das obras favoreceu a ampliação do horizonte leitor dos participantes, promovendo reflexões, trocas de experiências e o fortalecimento do interesse pela leitura literária em um contexto coletivo de aprendizagem.

A experiência também foi muito rica com as contribuições do texto de Antônio Candido ao trazer a literatura como uma forma de humanização e de resistência à

alienação. Os resultados obtidos trouxeram provocação para pensar e utilizar o texto literário nas ações pedagógicas como um aliado nas práticas de transformação e resistência.

4. Conclusões

O relato de experiência foi um momento de partilha de vivências literárias. Compartilhar as narrativas que nos atravessaram, de um modo ou de outro, em algum momento de nossa vida, foi um ato de humanização. Além dessa experiência, mais subjetiva, que deu voz a cada um para rememorar uma leitura que o tocou, a aula também foi consubstanciada pela fundamentação teórica do texto O direito à literatura, de Antonio Candido.

O aporte teórico orientou as discussões em sala de aula e propiciou momentos de compreender conceitos que norteiam as práticas pedagógicas. A finalização da experiência trouxe à tona a necessidade de o educador trabalhar o texto literário em suas práticas pedagógicas para tornar a literatura, para cada um e para todos, em um ato transformador e resistente ao silenciamento e às mazelas sociais. Nessa perspectiva, a literatura se torna uma aliada na construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.

5. Principais referências

CANDIDO, A. **O direito à literatura**. In: CANDIDO, A. Vários escritos. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 171-193

COELHO, N. N. **A literatura infantil**: história, teoria, análise: das origens orientais ao Brasil de hoje. 2. ed. São Paulo: Quíron/Global, 1982.

PARREIRAS, N. **Do ventre ao colo, do som à literatura**: livros para bebês e crianças/ Ninfa Parreiras: Belo Horizonte: RHJ, 2012, 240 p**.**

SILVA, D. & Gonçalves, R. (2020). **O papel da literatura infantil no contexto da educação infantil e na formação da criança**: uma revisão bibliográfica. Disponível em: Research, Society and Development. 9. e66953078. 10.33448/rsd-v9i5.3078. Acesso em: 24 abril. 2026.

SILVA, A. L. **Trajetória da literatura infantil**: da origem histórica e do conceito mercadológico ao caráter pedagógico na atualidade. REGRAD - Revista Eletrônica de Graduação do UNIVEM - ISSN 1984- 7866. [S.l.], v.2. n. 2, june 2015. Disponível 215 em: https://revista.univem.edu.br/REGRAD/article/view/234. Acesso em: 24 abril. 2026.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a Literatura Infantil Brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005